**WICCA E AS DIVINDADES BRASILEIRAS: O CULTO AOS ANCESTRAIS NATIVOS NA BRUXARIA MODERNA**

 **Dannyel Teles de Castro[[1]](#footnote-1)**

**RESUMO:** Trata-se de uma pesquisa desenvolvida a partir da constatação da carência de estudos sobre a Wicca no campo das Ciências da Religião, tendo em vista o notável crescimento da religião no Brasil nos últimos 20 anos. Partindo do pressuposto de que a Wicca, ou bruxaria moderna, baseia-se em cultos pagãos europeus da era pré-cristã, este artigo tem como objetivo esclarecer as crenças e práticas desta religião, ainda hoje tidas por grande parte da sociedade ocidental como tabu. Objetiva-se ainda, analisar como o panteão de divindades nativas do Brasil se apresenta e é trabalhado pelos adeptos brasileiros da Wicca. Metodologicamente, o texto resulta de uma pesquisa bibliográfica e de campo, sendo a pesquisa de campo baseada em observação de rituais wiccanos em Belém do Pará. Teoricamente, inspira-se nos estudos de Gerald Gardner acerca do ressurgimento da bruxaria, bem como nos estudos do historiador das religiões Mircea Eliade sobre paganismo. Baseia-se ainda na pesquisa realizada pela sacerdotisa wiccana Mavesper Cy Ceridwen sobre deusas do panteão indígena brasileiro. Observa-se, na pesquisa, o sincretismo entre práticas europeias e indígenas, que possibilita aos bruxos brasileiros trazerem sua religiosidade para realidades mais próximas das suas.

**Palavras chave:** Religiosidade; Wicca; Sincretismo; Bruxaria.

**WICCA AND THE BRAZILIAN DEITIES: THE WORSHIP OF NATIVES ANCESTOR IN THE MODERN WITCHCRAFT**

**ABSTRACT:** This is a research developed from the need for studies of Wicca in the field of Science of Religion, in view of the remarkable growth of this religion in Brazil in the last 20 years. Assuming that Wicca, or modern witchcraft, is based on european pagan cults of the pre-christian era, this article aims to clarify the beliefs and practices of this religion, still taken by much of western society as taboo through a misconception. The objective is to also analyze how the pantheon of native deities of Brazil presents itself and is worked by brazilian wiccans. Methodologically, the text results of a literature search and field search. Theoretically, draws on studies of Gerald Gardner about the resurgence of witchcraft, as well as the historian of religions Mircea Eliade about paganism. It is also based on research conducted by the wiccan priestess Mavesper Cy Ceridwen on native brazilian pantheon of goddesses. It is observed in the survey, the syncretism between indigenous and european practice, which allows that brazilians witches bring their religiousness closer to their realities.

**Keywords:** Religiousness; Wicca; Syncretism; Witchcraft.

**Introdução**

Houve bruxas em todas as épocas e países. Ou seja, houve homens e mulheres que tiveram conhecimento sobre curas, filtros, encantos e poções do amor e, às vezes, venenos. Algumas vezes, acreditou-se que elas podiam afetar o clima, trazendo chuva ou seca. Por vezes foram odiadas, por vezes foram amadas; houve épocas em que foram altamente honradas, em outras, perseguidas. (...) Geralmente se pensava que seus poderes eram hereditários ou que o ofício podia ser exercido por famílias. As pessoas acorriam a elas sempre que necessitavam de curas, boas colheitas, boa pesca ou qualquer que fosse sua necessidade. Elas eram, de fato, as sacerdotisas ou representantes dos deuses menores, que, por serem menores, se preocupariam em ouvir os problemas do povo (GARDNER, 1954, p.22).

Tomando por base este pensamento do antropólogo e bruxo, tido por muitos como o “pai da Wicca”, Gerald Gardner, o presente artigo busca analisar as crenças e práticas de uma religiosidade pouco compreendida tanto em seu passado histórico quanto na atualidade. Tais práticas sofreram uma espécie de mutação por etapas, até finalmente obter-se por resultado aquilo que conhecemos hoje por Wicca, uma religião iniciática, que possui seus cultos centrados nos ciclos da natureza de onde suscitam seus mistérios. A religião se insere no contexto dos Novos Movimentos Religiosos, ainda que haja em seus cultos elementos que remetem a era pré-cristã.

Partindo da premissa de que poucos trabalhos acadêmicos sobre Wicca têm sido desenvolvidos no âmbito das Ciências da Religião, busco, neste artigo, esclarecer as crenças e práticas desta religião. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica inspira-se nos estudos de Gerald Gardner (1954) acerca do ressurgimento da bruxaria, bem como nos do historiador das religiões Mircea Eliade (1976; 1998) sobre paganismo, além da pesquisa realizada pela sacerdotisa wiccana Mavesper Cy Ceridwen (2003) sobre as figuras femininas da mitologia indígena brasileira em seu livro “Wicca Brasil – Guia de Rituais das Deusas Brasileiras”. A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de abril e setembro de 2012, quando pude assistir a rituais wiccanos realizados pela Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca (Abrawicca) em Belém, bem como conversar de forma espontânea com os seus membros.

O surgimento da Wicca como religião devidamente estruturada ocorreu na década de 1950, na Inglaterra, após a última lei contra a bruxaria ter sido revogada. O principal responsável pelo surgimento deste novo sistema mágico-religioso foi Gerald Gardner, que escreveu, em 1954, o livro “A Bruxaria Hoje”, tornando públicos rituais realizados por bruxas e bruxos, o que na época viria a ser um escândalo. No entanto, é importante lembrar a contribuição de Doreen Valiente, que criou a Rede Wiccana, ou aquilo que podemos chamar de dogmas da religião, além de ter escrito o livro “Carga da Deusa” (2000), que consiste em uma reunião de poemas onde a Deusa fala por intermédio de sua sacerdotisa. Antes de Gardner e Valiente, porém, a tese de sobrevivência de cultos pagãos já era defendida por acadêmicos como James Fraser (1890) e Margaret Murray (1921, 1931). Esta última, em “O culto da bruxaria na Europa ocidental” (1921) revelou ser a bruxaria uma religião alegre, de festejo, dança e liberdade.

A Wicca é uma religião neopagã, isto é, está inserida dentro do resgate do paganismo antigo. O termo “pagão” vem do latim *paganus*, ou seja, aquele que vive no campo, e os sujeitos que habitavam os campos possuíam uma religiosidade voltada para o meio natural. Dentro deste contexto, vários Deuses e Deusas eram honrados por esses pagãos, divindades estas que regiam fenômenos naturais, como sol, lua, chuva, fertilidade dos campos, trovões, rios, mares, etc., além das divindades que estavam diretamente ligadas aos animais. Sendo assim, os neopagãos acreditam que homem e natureza se integram.

O sociólogo inglês Colin Campbell (1997) faz uma observação sobre o neopaganismo em seu artigo “A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio”. Para o autor:

Embora em alguns aspectos essas crenças confiram com o pouco que se conhece sobre as formas de religiosidade pré-cristãs, sua afirmação também nutre-se do desejo de representar esses movimentos como radicalmente diferentes de um cristianismo visto como essencialmente explorador, antinatural e patriarcal. Esse último ponto significa que o movimento neopagão como um todo se caracteriza por uma tendência a enfatizar o caráter feminino da divindade, ao invés do masculino (CAMPBELL, 1997, p.13).

A partir da fala de Campbell, chegamos ao fato de que as crenças neopagãs (e mais especificamente wiccanas) defendem a ideia de que a Terra, a Mãe Natureza, é transformada numa das maiores figuras de adoração: a Grande Deusa.

Ainda sobre o paganismo antigo, no período inicial da agricultura, o culto aos Deuses da natureza tornou-se ainda mais acentuado pelos camponeses. Isto se deu porque estes necessitavam de fertilidade em seus campos, e para isso recorriam às divindades, realizando sacrifícios e celebrando rituais. Sobre o período da descoberta da agricultura, Eliade (1976) observa que

A fertilidade da terra é solidária com a fecundidade feminina; consequentemente, as mulheres tornam-se responsáveis pela abundância das colheitas, pois são elas que conhecem o “mistério” da criação. Trata-se de um mistério religioso, porque governa a origem da vida, a alimentação e a morte (ELIADE, 1976, p.51).

Podemos observar que “a mulher e a sacralidade feminina são promovidas ao primeiro plano” (ELIADE, 1976, p.50), algo que ocorreu não só no plano social deste período, mas também no religioso, tornando ainda mais importante o papel das Deusas e de suas sacerdotisas. No resgate a esta forma de religiosidade, vivenciado pela Wicca, isso pode ser observado. Porém, essa exaltação do sagrado feminino não torna a Wicca uma religião exclusivamente de mulheres. A religião em questão utiliza a concepção de polaridade para justificar suas crenças, ou seja, o sagrado masculino também é trabalhado aqui. Gardner diz que “mais tarde houve, talvez, outras razões para que as mulheres fossem dominantes nas práticas de culto, embora, como já foi dito, haja quase tantos homens quanto mulheres entre as bruxas” (GARDNER, 1954, p.24).

Como se tratam de crenças associadas à fertilidade da terra, nota-se também a presença de uma energia masculina, ou um Deus fertilizador. A Wicca, ou bruxaria moderna, é uma religião que centra seu culto nestas duas divindades, Deus e Deusa, ou como alguns wiccanos costumam dizer, a Deusa e Seu Consorte. Existem várias tradições da religião espalhadas pelo mundo, com seus sistemas de crenças levemente diferenciados, mas a grande maioria dos bruxos wiccanos costuma concordar quanto ao panteão central da religião. Os vários deuses e várias deusas de diversos panteões são cultuados como “faces do deus e faces da deusa”. Entre os panteões que são cultuados na Wicca estão o celta, o grego, o egípcio, o romano, o babilônico, o nórdico, o brasileiro, entre outros. Em suma, o panteão próprio da religião está centrado em um casal divino.

Segundo a sacerdotisa da Tradição Diânica do Brasil Aondê Airequecê[[2]](#footnote-2), cujo nome civil é Roseli Sousa[[3]](#footnote-3),

Deusa e Deus - o casal divino pode representar todos os demais deuses das diversas mitologias adotadas. Mesmo que a Deusa tenha maior ênfase, eles são iguais e complementares em importância. Portanto, o panteão na religião Wicca tem a Deusa como a Criadora e principal Divindade e suas formas variam - ela é reverenciada sob diferentes formas, nomes e atributos, pois para alguns wiccanianos o politeísmo é sua forma de conceber e praticar suas praticas em relação às deidades; outros concebem suas práticas como panenteístas e/ou panteístas (que o divino contém tudo que existe - tudo é divino). Esse aspecto não se mostra como elemento de conflito na religião, mas como uma liberdade de culto (entrevista realizada em 27/7/12).

Em minha vivência com a religião e seus adeptos, pude constatar que ainda hoje são preservados alguns mistérios sobre a bruxaria, e entre eles está o do ritual de iniciação na Wicca. Sabe-se que o futuro bruxo deve passar por um período de dedicação onde será “treinado” por um “dedicador”, ou mestre, para seguir o sacerdócio na religião. Este treinamento deverá durar no mínimo doze meses.

**Como se estruturam os rituais**

Segundo Aondê, a religião wicca “se inspira nos antigos cultos pagãos, recria os rituais dessas antigas culturas”. Para praticarem seus rituais, bruxas e bruxos reúnem-se em covens[[4]](#footnote-4). Porém, não é regra na bruxaria moderna ser membro de um coven para praticá-la. Existem wiccanos que, por inúmeras razões, celebram seus rituais sozinhos. Estes são chamados (na Wicca) de “solitários”.

De acordo com Jung (1973), os rituais são responsáveis por facilitar a conexão entre nossas realidades interiores e exteriores, bem como entre os mundos conhecidos e desconhecidos. O psicólogo observou que o homem primitivo (homem-criança) sempre recorreu a ações ritualísticas, tais como danças, cantos, identificação com os espíritos, etc.

Algumas religiões creem na existência de outros mundos, transcendentes ao mundo material, e a Wicca encontra-se inserida neste grupo. A primeira etapa do ritual wiccano consiste em traçar um “círculo mágico”, e dentro deste círculo tem-se conexão com um mundo paralelo, mais próximo às divindades e aos espíritos ancestrais. Este ato de traçar um círculo é feito, normalmente, pela sacerdotisa ou sacerdote que conduzirá o ritual. O sujeito em questão utiliza um dos instrumentos sagrados da bruxaria, o athame[[5]](#footnote-5), direcionando-o com seu braço enquanto gira três vezes em torno dos participantes do ritual (que formam um círculo) e entoa palavras de poder. Os wiccanos acreditam que o círculo mágico, além de ser um eixo direto de comunicação com divindades e entidades, possui a função de protegê-los de influências negativas. Isto é, uma vez traçado o círculo, o mal ali não adentra, e o ritual deve seguir tranquilamente.

No centro do círculo encontra-se o altar, que contém velas, incensos, pedras, um cálice com vinho ou água, um caldeirão geralmente com ervas variadas para serem queimadas durante o rito, representações dos deuses e outros objetos que variam de acordo com o propósito do ritual. Cada um dos citados anteriormente desenvolve um papel importante no culto da bruxaria moderna: as velas representam o poder do fogo; o incenso, o do ar; as pedras, o da terra; o cálice cheio, o da água; e o caldeirão é tido como representação do útero da Deusa, ou do quinto elemento, o espírito.

Logo após o círculo ser traçado, são invocados os quadrantes, ou seja, os espíritos dos quatro elementos. Importante destacar que há na religião a associação dos quadrantes aos elementos naturais, e esta se dá da seguinte forma: norte representa terra; leste representa ar; sul representa fogo; oeste representa água. A invocação a esses quadrantes dentro do círculo costuma ser feita por quatro pessoas diferentes, normalmente pré-selecionadas para essa tarefa.

Em seguida, a sacerdotisa invoca a Deusa e o sacerdote invoca o Deus. A cada ritual tem-se uma Deusa e um Deus a serem celebrados. Costuma-se cultuar deuses de um mesmo panteão em um rito wicanno, de preferência um casal de deuses (como Isis e Osíris, Perséfone e Hades, Morrighan e Dagda, entre outros). Feitas as invocações, os bruxos passam a desfrutar da presença divina, por meio de meditações, feitiços, leitura de poemas, músicas, danças e conversas. Segue-se o banquete, com bolos, pães, frutas, sucos e vinhos. Ao término do ritual, é feita a “despedida” das entidades e divindades que se apresentaram no círculo e este é aberto, da mesma forma que foi traçado, com a diferença de que aqui o sujeito gira no sentido inverso que girou ao traçá-lo.

A liturgia da Wicca envolve cerca de 21 rituais anuais (no mínimo, geralmente os bruxos costumam fazer vários outros rituais paralelos a esses). Eles estão divididos em 13 Esbats e 8 Sabbats. Os Esbats são rituais que celebram a lua cheia, e aqui é importante destacar que bruxos e bruxas não estão cultuando o satélite natural da Terra. O fenômeno da lua cheia está historicamente associado a várias deusas ligadas ao arquétipo da plenitude, além de seu significado misterioso, já que este possui grande influência sobre as marés e as mulheres, sendo isto comprovado cientificamente. Eliade (1998) também observa esta sacralidade da lua no processo histórico das religiões pagãs ao mencionar que “a lua nunca foi adorada em si mesma, mas no que ela revelava de sagrado, quer dizer, na força que está concentrada nela, na realidade e na vida inesgotável que manifesta” (ELIADE, 1998, p.131).

Os wiccanos veem a natureza como sagrada, entendem a Terra como um sistema vivo, e por isso celebram as mudanças de estações, rituais aos quais chamam de Sabbats[[6]](#footnote-6). Estes são 8: Samhain, Yule, Imbolc, Ostara, Beltane, Litha, Lammas e Mabon. As nomenclaturas são oriundas do gaélico, germânico e inglês antigos, e cada um destes rituais possui seu significado específico, não sendo intenção deste texto aprofundar tais significados. Gardner (1954) fez uma pequena descrição de um rito de Yule:

Assisti a uma cerimônia muito interessante: o Caldeirão da Regeneração e a Dança da Roda, ou Yule, para fazer com que o sol renasça, ou com que o verão retome. Em tese, deveria acontecer em 22 de dezembro, mas hoje em dia é realizada na data mais próxima em que seja conveniente para todos os membros. A cerimônia começa da maneira usual. O círculo é construído e purificado, sendo também os celebrantes purificados da maneira usual e os procedimentos normais do culto são cumpridos. Então a pequena cerimônia é realizada (geralmente chamada "Atraindo a Lua"). A grande sacerdotisa é vista como uma encarnação da deusa. Segue-se a cerimônia do Bolo e do Vinho. Então um caldeirão (ou algo que o represente) é posto no meio do círculo, cheio de aguardente, e inflamado. Várias ervas, etc, são adicionadas. Então as sacerdotisas ficam perto dele, na posição de pentágono (deusa). A Grande sacerdotisa fica de pé no lado oposto do caldeirão, liderando o canto. As outras formam um círculo, segurando suas tochas. Estas foram acesas no caldeirão em chamas e elas dançam em torno na direção "solar", ou seja, no sentido horário (GARDNER, 1954, p.16).

Wiccanos também costumam cultuar as outras fases da lua (negra, nova, crescente, minguante), bem como Deuses e Deusas em datas que correspondem aos antigos festivais que celebravam tais divindades.

A relação que os bruxos têm com a lua, isto é, este culto às suas fases, também pode ser explicada pela triplicidade da Deusa na Wicca. Esta possui três faces principais no contexto religioso que está sendo tratado, são elas: Donzela, Mãe e Anciã. Cada uma possui a sua maneira de ser interpretada de acordo com o conceito de arquétipo. Prieto (2000) explicou resumidamente sobre essas 3 faces da Deusa:

A Virgem *[ou Donzela]* representa os impulsos, o começo, e está relacionada à Lua Crescente; a Mãe é a Doadora da Vida, a Grande Nutridora, e está associada à Lua Cheia; a Anciã é a detentora da sabedoria, a Grande Conhecedora e Transformadora, e está associada à Lua Minguante (PRIETO, 2000, p.30).

Há várias divindades que podem ser cultuadas de acordo com o que foi dito acima. Sobre esta diversidade de panteões que a religião busca reverenciar em seus rituais, Aondê explica:

Eu diria que há uma grande parcela de Wiccanianos que são panculturais e trazem as culturas diferentes para seu corpo litúrgico próprio ( triplicidade da Deusa, Simbologia dos ciclos da natureza/Roda do Ano, etc.) e as regras comuns a todos os praticantes que é o que garantem que estão praticando Wicca e não outra religião. Exemplo: Praticas Wiccanianas cujos Deuses sejam indianos ou praticas com Deuses do panteão Brasileiro (entrevista realizada em 27/7/12).

**Os ancestrais e a visão de morte na Wicca**

Quando se fala em ancestralidade no contexto da bruxaria moderna, pode-se obter mais de uma explicação para o termo. Em algumas tradições, quando é feita a pergunta “o que é ancestralidade?” para um bruxo, ele dirá que é a linhagem sanguínea de sua tradição. Ou seja, que houve pessoas que praticavam a bruxaria anteriormente aos sujeitos de tal tradição e que estavam diretamente ligados a eles, por laços familiares.

No entanto, prevalece na Wicca a visão céltica de que ancestrais são antigos espíritos que habitaram a Terra, alguns tão antigos que, por sua importância na construção de uma sociedade, foram elevados à condição de deuses. É importante observar que estes ancestrais são realmente antiquíssimos, tanto que não há registro histórico da presença da grande maioria deles na Terra. O pouco que se sabe sobre estes foi transmitido de forma oral ao longo dos anos. O conceito de ancestrais diferencia-se do de antepassados, sendo este o termo usado por wiccanos para referir-se a pessoas da família já desencarnadas.

A religião Wicca observa o tempo a partir de uma visão cíclica, e não linear como nas religiões ditas abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islamismo). Isto é, existe a crença no eterno ciclo de vida-morte-renascimento. Isso nos remete novamente ao termo utilizado por Colin Campbell (1997, p.13) ao observar que o neopaganismo está inserido no circuito da chamada “orientalização do Ocidente”, tendo em vista que esta visão cíclica do tempo encontra-se bastante presente nas religiões orientais. No entanto, ao analisar as práticas religiosas da Wicca, percebe-se com clareza que este ato de ir e vir (ou viver, morrer e voltar) pode ser observado na própria natureza.
A exemplo tem-se as fases lunares, as estações do ano, o ritmo das marés, o percurso do sol, as ondas do mar, etc.

Acredita-se na Wicca que todos viemos da Deusa, isto é, todos nós saímos do útero desta Grande Mãe, que é a Terra. E ao morrermos, é para lá que voltamos e ficamos até o momento de reencarnarmos. Isto pode parecer complexo, mas eu desenvolvi um exemplo simbólico (que é um pensamento científico e não necessariamente wiccano) para explicar essa tese: todos nós estávamos no útero de nossas mães antes de nascermos, neste momento, nossas mães desenvolvem o papel da Deusa que está trazendo seus filhos ao mundo, e ao morrermos somos enterrados em caixões debaixo da Terra ou cremados de forma que nossas cinzas seguem o mesmo destino, retornando assim ao “útero” da Deusa, a Terra.

Entre wiccanos há diferentes visões sobre o que vem depois da morte, ou para onde nossas almas vão. Os antigos celtas[[7]](#footnote-7) acreditavam que, ao morrermos, nossas almas caminham rumo ao País do Verão (Summerland), onde permanecem até renascerem. Muitos wiccanos adotam esta crença.

Tomando por base o conceito wiccano de ancestralidade, passo a refletir sobre os ancestrais brasileiros.

**Panteão brasileiro e seus rituais: o sincretismo entre Wicca e práticas indígenas**

Os deuses próprios do Brasil são aqueles cultuados pelos povos nativos do país: os índios. Mavesper Cy Ceridwen[[8]](#footnote-8) desenvolveu ampla pesquisa sobre as divindades femininas identificadas neste contexto em seu livro “Wicca Brasil – Guia de Rituais das Deusas Brasileiras”. De acordo com Ceridwen

Para conhecê-los [os deuses brasileiros], precisamos percorrer o folclore e os mitos indígenas, buscando as versões mais antigas, das populações pré-cabralinas. Isso se afirma porque a fúria evangelizadora dos jesuítas muito deturpou a mitologia desses povos. Um Deus que livros de História apontaram muito tempo como Divindade Suprema é Tupã, o Deus do Trovão. Tal afirmação é falsa: não havia um Deus Supremo, essa identificação foi “plantada” pelos jesuítas a fim de facilitar a passagem para a crença no Deus Pai cristão (CERIDWEN, 2003, p.39).

Por causa desta deturpação mitológica, há uma preocupação dos wiccanos em conhecer estas divindades brasileiras em suas formas mais antigas, ou originais, antes de cultuá-las. Segundo Aondê:

Temos o cuidado de buscar essas deidades em sua versão original ou a mais próxima dela, mas isso é muito difícil se considerarmos a total ou quase total dizimação dos povos indígenas no Brasil hoje e pela necessidade dos índios de terem cada dia mais que se apropriar da cultura do não índio para garantir sua sobrevivência diante das leis e culturas dos povos dominantes hoje. Por isso quando você vai a internet consultar sobre essas deidades, dificilmente encontra um texto confiável. A não ser aqueles que são realizados diretamente com a população indígena que ainda mantém os cultos tradicionais (entrevista realizada em 27/7/12).

Ainda segundo Mavesper, para compreender a cosmogonia indígena, é necessário entender que não houve singularidade entre os povos nativos do Brasil dentro do processo histórico e na atualidade, pois são “cerca de 267 povos diferentes (que restaram dos mais de mil que, estima-se, havia em 1500), que falam cerca de 170 línguas diversas” (CERIDWEN, 2003, p.43). Ela explica:

Compreender que não existe absoluta identidade cultural entre esses povos, que podem ser tão diferentes entre si quanto o povo russo e o angolano, é fundamental para percebermos por que é quase impossível chegar a uma mitologia consolidada. Quando percebemos que as mitologias, embora contenham temas muitas vezes quase idênticos, são tão variadas quanto o número de povos indígenas, talvez consigamos compreender o caminho a tomar para encontrar as Deusas do Brasil (CERIDWEN, 2003, p.43).

Para compreender as crenças e práticas da vida religiosa dos índios, é necessário analisar a conduta destes. Para os povos nativos do Brasil, a natureza faz parte de sua sociedade, ou seja, todos os eventos que estão relacionados à ela são vistos como sujeitos das relações sociais. De acordo com Ceridwen

Isso leva a uma vivência da dimensão do sagrado diversa daqueles povos que chegaram a modos de civilização em que o sagrado se apartou da universalidade da Natureza. É exatamente por esse modo diferente de enxergar as relações com o sagrado que as palavras “deuses” e “deusas” não se aplicam de uma maneira rigorosa às crenças dos ameríndios. Isso, porém, não significa que a relação com o divino, com o numinoso, esteja ausente da experiência desses povos, mas tão somente, que essa experiência se reveste de outra roupagem. Assim, ao compreender isso, creio que seja possível identificar a relação com o sagrado desses povos e, por uma operação comparativa, aproximá-la do moderno conceito de Deusas e Deuses utilizado na religião wiccaniana (CERIDWEN, 2003, p.46).

A Wicca é uma religião diretamente ligada à ancestralidade. Os wiccanos, por serem neopagãos, buscam o encontro com as raízes ancestrais que os possibilita entrar em harmonia com os ciclos da natureza, bem como com os mistérios de vida/morte/renascimento. Isto explica a importância que o resgate ao culto às divindades indígenas tem para os bruxos brasileiros.

Através das divindades do panteão brasileiro, os antigos povos nativos do Brasil expressam as suas concepções a respeito da origem do Universo. Seus mitos nos revelam as suas origens, como se relacionam com os outros seres (animais, plantas, etc), as formas de culto e de organização, além dos ritos de passagem que estão também intrínsecos aos ciclos da vida de seus povos. Desta forma, acessando estas divindades inicialmente por meio de pesquisas, bruxos wiccanos mantêm assim as práticas ancestrais indígenas.

Muitos desses deuses e deusas ficaram eternizados em lendas do folclore brasileiro, a exemplo de Boitatá, o deus das águas doces, aquele que protege os campos contra incêndios. O primeiro relato sobre Boitatá foi feito pelo padre jesuíta José de Anchieta, em 1560. Nele, o padre diz:

Há também outros (fantasmas), máxime nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto do mar e dos rios, e são chamados baetatá, que quer dizer cousa de fogo, o que é o mesmo como se se dissesse o que é todo de fogo. Não se vê outra cousa senão um facho cintilante correndo para ali; acomete rapidamente os índios e mata-os, como os curupiras; o que seja isto, ainda não se sabe com certeza (ANCHIETA, 1933, p.39).

Entre as divindades masculinas encontradas nas sociedades nativas do Brasil e comumente cultuadas na Wicca, tem-se ainda: Macunaíma, deus das criações; Aru, deus das viagens e da prosperidade; Anhanga, deus da caça selvagem, aquele que protege os animais terrestres contra os caçadores que querem abusar da caça, matando desnecessariamente; dentre outros.

Por ser a Wicca uma religião neopagã que exalta o sagrado feminino, a prioridade wiccana foi buscar resgatar as deusas do panteão brasileiro. Pude notar tal importância das divindades femininas também ao contatar a Abrawicca para realizar minha pesquisa de campo, quando fiquei sabendo que apenas rituais para deusas estavam agendados pela Associação. Sendo assim, pude assistir a dois rituais[[9]](#footnote-9) dedicados a deusas do panteão brasileiro. Eram elas: Cobra Grande e Seucy.

Um ritual de lua negra[[10]](#footnote-10) que celebrava a deusa Cobra Grande foi realizado no Bosque Rodrigues Alves, situado em Belém. Neste rito, os wiccanos e simpatizantes presentes buscavam trabalhar a desordem em suas vidas através da conexão com esta deusa. Sobre o arquétipo da divindade na Wicca, Aondê explica:

No mito da Cobra Grande[[11]](#footnote-11), ela se apresenta para nós como a Senhora dos Elementos e se traduz como aquela que possui poderes cosmogônicos. A imagem arquetípica mostra que o próprio rio é o Corpo dessa Deusa. Ela pode engolir tudo o que vê pela frente e depois regurgitá-lo em novas formas. Para nós ela aparece como aquela que nos possibilita pôr ordem ao caos. Nos auxilia a compreender os ciclos; nos ensina a responsabilidade, paciência. Nos dá a compreensão do poder da criação e renovação. Representa o poder ancestral da serpente, da sexualidade criadora (entrevista realizada em 27/7/12).

Após o círculo ser traçado e as invocações serem feitas, a sacerdotisa que oficializava o ritual (Aondê Airequecê), conduziu uma meditação enquanto tocava seu tambor xamânico. O tambor é o veículo pelo qual os xamãs fazem suas viagens a outros mundos. Os nativos associam o toque do tambor às batidas do coração da Mãe Terra e também ao som do útero. Sendo assim, ele tem o poder de induzir o transe, ou despertar novas formas de consciência. Ou seja, nessa meditação, os participantes deviam encontrar com a deusa Cobra Grande por meio de visualização contemplando o som do tambor.

Um ritual para Cobra Grande pode ser feito com várias finalidades, como Aondê destaca:

A finalidade de um ritual é muito particular. Pois o propósito que eu vá desencadear num rito para a Deusa Cobra Grande pode ser diferente de um propósito erguido por outro wiccaniano. Mas considerando a questão discutida anteriormente, podemos dizer que, fazer um ritual para Cobra Grande remete as seguintes finalidades: celebrar um Ciclo da vida em que o wiccaniano deseje iniciar uma nova fase em sua vida dando maior organização; realizar conexão com a Deusa para compreender processos difíceis em que esteja vivendo e que precisa superar para um ciclo novo; fazer conexão com seus ancestrais e receber sabedorias antigas; destruir algo que está o impedindo de crescer; colocar projetos em ordem; compreender as perdas, etc (entrevista realizada em 27/7/12).

Já Seucy tem em seu nome uma referência à constelação das Plêiades, chamada pelos indígenas de “sete estrelas”. Sendo assim, ela é a Mãe das Estrelas, e deusa que trouxe à vida Jurupari, Deus Sol responsável por instituir o culto solar e a supervalorização do masculino. Em seu livro “Wicca Brasil – Guia de Rituais das Deusas Brasileiras” (2003), Ceridwen fala um pouco sobre este mito:

Conta a lenda que Jurupari desceu à Terra para procurar uma esposa para o Sol e livrar os homens do domínio das mulheres, como era o costume vigente anteriormente. Seguiu-se então uma terrível perseguição às mulheres, não fazendo exceção nem para a mãe de Jurupari. Seucy foi transformada primeiro em uma pedra e depois subiu aos céus, tomando a forma de uma constelação conhecida como Plêiades (e aqui, diversas versões do mito confundem origem e destinação). Danças, jejuns e rituais iniciáticos e de purificação fazem parte das festas indígenas chamadas Dabacuris, que comemoram esses fatos (CERIDWEN, 2003, p.148).

O ritual de lua cheia celebrando Seucy que pude assistir foi mais simples que o de Cobra Grande. Realizado na Praça Batista Campos, também em Belém, consistiu na descida da Deusa em uma das sacerdotisas presentes, Danna Myr. É importante esclarecer que, ao afirmar que a Deusa “desce” neste rito, a intenção é dizer que a força da lua estava no círculo. Não houve transe, Danna apenas encenava o papel da deusa, contando suas histórias. Em suma, foi uma espécie de culto à Seucy por meio de dramatização.

**Considerações finais: a Wicca como bricolagem**

Procurei evidenciar, neste artigo, as práticas da religião neopagã Wicca, contemplando um sincretismo somado recentemente por seus adeptos brasileiros. Isto acontece em decorrência da necessidade que os neopagãos possuem de acessar suas raízes ancestrais. Ou seja, conectar-se aos povos nativos do Brasil através do culto às suas divindades.

Apesar de não ser uma religião céltica, quando a bruxaria foi “recriada” por Gerald Gardner e tornada oficialmente religião, recebeu influências de várias culturas europeias (celta, sumeriana, nórdica, grega, egípcia e tantas outras), sendo possível, inclusive, notar que grande parte de seu corpo litúrgico está baseado no antigo calendário do povo celta. Ao longo do tempo, a Wicca foi desenvolvendo um processo de bricolagem, aproximando diversas culturas que deixaram em seu legado o culto a Deusa e ao Seu Consorte. Ao notar que este culto estava presente nas populações nativas do Brasil, os wiccanos passam a procurar pelas divindades brasileiras e, posteriormente, a reverenciá-las, enriquecendo o processo de bricolagem da religião. E aqui é importante pensar no significado antropológico deste termo, desenvolvido por Lévi-Strauss em 1962.

Acredito que seja de extrema importância que as pesquisas acadêmicas se voltem para sistemas religiosos como a Wicca. Existem pouquíssimas pesquisas desenvolvidas sobre este tema dentro das Ciências da Religião, e se formos considerar os trabalhos que expõem os saberes culturais brasileiros dentro de uma religião tão complexa como esta, os resultados serão quase nulos. Nesse sentido, é importante atentar para uma religião que está em constante crescimento no mundo nos últimos anos.

**Referências**

ANCHIETA, Padre José de. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente**:** reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. **Religião e Sociedade** 18 (1): 5-22, agosto de 1997.

CERIDWEN, Mavesper Cy. **Wicca Brasil –** Guia de rituais das Deusas Brasileiras. São Paulo: Gaia, 2003.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas, volume I –** Da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1998..

FRAZER, James. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GARDNER, Gerald. **A bruxaria hoje**. São Paulo: Madras, 2003.

JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis: Vozes, 1973.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

MURRAY, Margaret. **O culto das bruxas na Europa Ocidental**. São Paulo: Madras, 2003.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria brasileira –** O livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

PRIETO, Claudiney. **Wicca, a religião da Deusa**. São Paulo: Gaia, 2003.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALIENTE, Doreen. **Enciclopédia da bruxaria**. São Paulo: Madras, 2009.

1. Graduando em Ciências da Religião (licenciatura plena) pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: dannyeltcastro@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Aondê desenvolve um importante trabalho com a Wicca, coordenando a Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca (Abrawicca) em Belém, atuando também no Comitê Interreligioso do Estado do Pará. [↑](#footnote-ref-2)
3. Um wiccano, ao ser iniciado, encontra através de meditação e conexão com os deuses (ou pela sacerdotisa que o iniciou) um nome “mágico” ou pagão. É como se estivesse “nascendo” novamente. [↑](#footnote-ref-3)
4. Coven é o nome atribuído a um grupo de pessoas que se reúnem para praticar a bruxaria. Os covens possuem uma estrutura e cada membro deve ter sua função, sendo liderados por uma Alta Sacerdotisa e um Alto Sacerdote. Com o número máximo de 13 pessoas, os participantes de um coven geralmente possuem sentimento fraternal entre si, e de acordo com Claudiney Prieto, “seus membros frequentemente cumprem um papel que se assemelha muito ao da família a qual nasceram” (PRIETO, 2000, p.149). [↑](#footnote-ref-4)
5. Uma espécie de adaga ou punhal. [↑](#footnote-ref-5)
6. Tidos como os “momentos de poder” pelos bruxos, estes 8 Sabbats compõem A Roda do Ano wiccana, isto é, uma sequência de festivais celebrados ao decorrer do ano, sendo que este possui início e fim em Samhain. [↑](#footnote-ref-6)
7. Observo acentuada presença de mitos, crenças e práticas célticas na Wicca. No entanto, esta não é uma religião céltica. [↑](#footnote-ref-7)
8. Mavesper é sacerdotisa e matriarca da Tradição Diânica do Brasil. Ela dedica-se à pesquisa de teologia comparada, ou tealogia (do grego *théa,* “deusa” + *logia*, “estudo”, ou seja, “estudo da Deusa”), além de coordenar a Abrawicca nacional. [↑](#footnote-ref-8)
9. Durante o período em que a pesquisa de campo foi feita, participei de alguns outros rituais realizados pela Abrawicca, porém não houve culto a divindades brasileiras neles. Utilizei as informações coletadas nestes rituais “extras” no tópico “Como se estruturam os rituais” deste artigo, bem como para um processo comparativo. [↑](#footnote-ref-9)
10. Essa fase lunar ocorre entre a lua minguante e a nova. É o período em que é impossível visualizá-la a olho nu, pois ela está totalmente obscurecida. [↑](#footnote-ref-10)
11. A citação sobre a figura mitológica da Cobra Grande pode remeter a uma lenda paraense, que afirma haver uma cobra grande adormecida debaixo da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré em Belém. No entanto, não há ligação entre a deusa Cobra Grande e esta figura do imaginário popular, uma vez que a primeira está situada no contexto religioso indígena como uma divindade ligada aos rios. [↑](#footnote-ref-11)